fazer escola: do amor de transferência à transferência de trabalho

Ana Laura Prates

Se a iniciativa dos Fóruns do Campo Lacaniano tem um vetor, uma orientação, ele está, desde a origem, indicando a retomada crítica do conceito de Escola e das questões que o envolvem. Assim, cabe a nós a responsabilidade da indagarmos: que Escola queremos para a psicanálise? E, talvez, o maior desafio seja o de suportarmos com nosso desejo uma Escola possível... O que pode, então, fazer Escola a partir do grupo dos analistas? Trabalharei essa questão pelo viés da transferência e da transferência de trabalho.

Em "Momento de concluir", na aula de 15 de novembro de 77, Lacan diz que o analista deve saber operar com o *suposto saber* que define a transferência. A questão, então, seria: como operá-lo? já que há aí um equívoco que consiste na suposição do analisante de que o analista sabe a respeito do objeto (também este suposto) de seu desejo. Na aula de 10 de janeiro de 78, Lacan esclarece que "a análise não consiste em que se esteja *liberado* de seus sintomas (...), a análise consiste em que se saiba porque se está amarrado neles", amarração que diz respeito ao Real do gozo aí implicado. No seminário *L'insu*, aula de 16 de novembro de 76, Lacan diz que o final da análise é "saber lidar (*savoir y faire*) com seu sintoma". Na análise, via operação transferência, é o equívoco que domina. Assim, operar com a transferência, longe de resultar em sua *liquidação* aponta para uma *resolução*, o que torna possível um novo laço social, "livre da necessidade do grupo" (L'Étourdit). Achei importante retomar essas referências, pois elas indicam a íntima relação existente entre a questão da transferência e a Escola, já que essa relação implica pensarmos a respeito do laço social entre os psicanalistas.

A propósito, B. Nominé, quando esteve em São Paulo, em 99, disse uma frase bastante enigmática: "não se faz Escola com a transferência". No texto "Tudo mas isso não" ele esclarece:

> Construir uma escola sobre a transferência é ir diretamente em direção à explosão do grupo, cada um reconhece seu mestre e quer ser reconhecido por ele. Assim se formam os pequenos grupos, as capelas

> que se odeiam entre elas, ao menos que um personagem consiga impor uma convergência de transferências sobre sua pessoa que é então a exceção encarnada. Mas então não é mais a escola mas está mais para algo que se parece com uma seita.

Então, se não é a transferência, o que pode fazer escola?

Esse trecho do texto de Nominé nos ajuda a situar a questão; porém, antes de propor um encaminhamento possível para ela, creio que seja importante resgatar um percurso conceitual indispensável para prosseguir nesse debate.

Em primeiro lugar, penso ser fundamental retomarmos algumas referências sobre o conceito de transferência propriamente dito. Freud a situa, como sabemos, no plano do amor, mas também como o principal instrumento de trabalho do psicanalista. Não há análise, portanto, sem que haja transferência. No entanto, paradoxalmente, a transferência, além de condição necessária à análise, apresenta-se como resistência à mesma, na medida em que testemunha a compulsão à repetição neurótica. Segundo Freud, portanto, a melhor maneira de conter a repetição é convertê-la em recordações, através do manejo da transferência. Aí ele implica a presença do analista, já que há efeitos de transferência fora da análise. O artifício do dispositivo analítico permite, assim, substituir a neurose vulgar pela neurose de transferência, a qual pode ser curada pelo trabalho analítico. Freud dizia que no final do tratamento analítico a transferência deveria ser *libertada*.

Lembremos que é no seminário 8, dedicado à questão da transferência, que Lacan precisa teoricamente, através de uma análise do *Banquete* de Platão, o que está "para além do amor", ou seja, *agalma*, ou o objeto do desejo. A respeito dessa questão, vemos que também aí Freud pode nos fornecer pistas importantes: no capítulo VIII de *Psicologia de massas e análise do eu*, intitulado "Estado amoroso e hipnose", ele nos fala da tendência à idealização que há no amor, fornecendo-nos a seguinte fórmula: "o objeto ocupa o lugar do Ideal de eu".

Esse texto nos interessa em particular, pois é aí que Freud nos fornece também a fórmula da constituição libidinal de uma massa: "a massa é uma reunião de indivíduos que substituíram seu Ideal de eu pelo mesmo objeto e, como conseqüência, estabeleceu-se entre eles uma geral e recíproca identificação do 'eu'." É muito interessante notarmos que o que sustenta uma massa "é a ilusão da presença visível ou invisível de um chefe que ama com igual amor a todos os membros da coletividade". Tal ilusão visa *garantir* a massa de sua *dissolução*.

Reconhecemos aí dois dos termos utilizados por Lacan de modo subvertido, como princípios fundamentais da Escola.

Lacan retoma essa fórmula freudiana no seminário 11, tanto no que se refere à transferência no dispositivo analítico propriamente dito, quanto no que diz respeito à associação entre psicanalistas. Não podemos entender esse seminário sem lembrarmos que ele foi oferecido no ano de sua excomunhão, como nomeia sua ruptura com a IPA, e também no ano da fundação da Escola Freudiana de Paris.

Vocês se lembram que é nesse seminário que Lacan situa como pivô da transferência o SSS. Esse avanço conceitual é fundamental para localizarmos a transferência mais além de sua dimensão imaginária, ou seja, da relação dual. O sujeito, então, mais do que amar seu analista, demanda dele o seu amor. E essa demanda dirige-se a um saber suposto sobre o objeto: o que o Outro quer de mim? Questão que, na medida em que não é respondida pelo analista, é o motor da associação livre, possibilitando a abertura do inconsciente.

É aí que faz sentido a retomada de Lacan da fórmula de Freud, realizada na última aula de seu seminário. No ponto onde Freud localizava o "objeto exterior", Lacan indica ser precisamente o que ele denomina objeto *a*, causa do desejo, explicitando que o amor de transferência é suportado pela identificação, introduzindo o Outro numa relação de miragem, no lugar do Ideal de eu, ou seja "o ponto de onde o sujeito se verá como visto pelo outro". Assim, o sujeito se faz de objeto amável para o Outro.

Vemos que, para Lacan, o engodo da transferência, assim como o das massas, é a sobreposição do Ideal em relação ao objeto *a*. Desde o seminário 8, Lacan já indicara o problema da associação entre os psicanalistas. Ele diz: "A partir do momento em que há uma multidão, ou uma massa organizada, daqueles que estão na função de analista, todos os problemas que Freud expõe nesse artigo se colocam efetivamente." No seminário 11 essa questão é retomada: "O que, na comunidade psicanalítica, pode fazer eco a uma prática religiosa?"

Bem, assim sendo, o que faz Lacan apostar numa Escola e, portanto, num laço social que não tampe o Real? Só é possível responder a essa questão se entendermos o que ocorre com a transferência no final de uma análise. Lembremos que Freud falava em *libertação*. Termo bastante ambíguo, sobretudo se nos remetermos à concepção freudiana de final da análise esbarrando na rocha da castração. Na análise freudiana, não era possível transpor o pai, e o modelo de nomeação de analistas da IPA é um testemunho dessa genealogia psicanalítica.

Lacan, de outro modo, fala sobre a vaporização do SSS, mas apenas na vertente da tapeação, do equívoco. Assim, dirá Lacan: "a operação e a manobra da transferência devem ser regradas de maneira a que se mantenha a distância entre o ponto desde onde o sujeito se vê amável, e esse outro ponto em que o sujeito se vê *causado*, como falta pelo objeto *a*." (Seminário 11.) O desejo do analista, deste modo, vai no sentido contrário ao da identificação.

Então, o que acontece no final com a transferência e o que isso tem a ver com a Escola? Lacan diz: "toquemos aqui a futilidade do termo de liquidação, para este furo onde unicamente se *resolve* a transferência. Só vejo nisso contra toda a aparência, denegação do desejo do analista."

No texto "A transferência: vícios privados, virtudes públicas", Pierre Bruno esclarece a diferença entre a saída pela *liquidação* da transferência e a saída por sua *resolução*: a primeira saída "implica que o sujeito queira subtrair-se do desejo do Outro, para não ter que reconhecer o seu". Ela produz como conseqüência uma hipomania transitória. Mas a transferência liquidada, liqüefeita, se solidifica de novo. A saída pela resolução da transferência é totalmente diferente, pois implica um passe, ou seja, uma separação com o gozo do Outro deve ter tido lugar.

É nesse sentido que F. Pereña nos disse, quando esteve em São Paulo, em 99, que a Escola é uma comunidade de experiência e, portanto, de trabalho, entendendo trabalho como "essa busca de cada um que se articula transferencialmente ao outro em sua própria divisão constituinte". ("Enunciação e trabalho coletivo")

Pois ela não pode pautar-se na república (coisa pública), embora deva algo a ela, mas, ao contrário, na coisa mais privada de cada um. O agente do desejo do analista é o objeto enquanto marca própria a partir da qual uma transmissão é possível desde a enunciação de um por um. Ou, como disse Lacan: "o desejo do psicanalista é sua enunciação."

Toda a questão é a de pensarmos como é possível, a partir da marca traumática de cada um, fazer um laço social que não se sustente nas identificações egóicas. É preciso estar atento, pois a solidão do ato analítico, assim como a singularidade da marca de gozo não são justificativas para o isolamento. Quem sabe que o Outro não existe, está aberto para o laço social. Está claro que essa é a aposta de Lacan com a Escola. Podemos dizer, então, acompanhando Pereña, que o que torna possível a articulação entre a enunciação e o trabalho coletivo é a *transferência de trabalho.*

Do que se trataria essa nova transferência? Não deixa de ser curioso verificarmos como o significante "trabalho" está presente o tempo todo na Ata de fundação da EFP, em 64. Está claro aí que não se trata da servidão voluntária, nem da posição do escravo, mas da possibilidade da criação. É a transferência de trabalho que sustenta o modelo institucional que Lacan está criando, na medida em que "o ensino da Psicanálise não pode se transmitir de um sujeito ao outro a não ser pelas vias de uma transferência de trabalho". A Escola, então, foi feita para garantir *esse* trabalho. Senão vejamos: a seleção dá-se pelos *objetivos de trabalho* e a adesão à Escola é feita através de *grupos de trabalho.* Do mesmo modo, a sua execução é feita através do cartel, que se apresenta com o "*título do trabalho* que cada um pretende executar". Vê-se, portanto, que a participação na Escola dá-se um a um, através de uma *proposta própria de trabalho.* Essa idéia da proposta de trabalho é explicitada na Proposição de 67, momento em que Lacan introduz o passe e contemporâneo ao seminário 15, "O ato analítico", que dá toda a sustentação teórica a seu respeito. Aqui, se vocês lembram, Lacan retoma a noção de formação do analista no plano das formações do inconsciente, estabelecendo que os órgãos de garantia da Escola encontram-se no início e no fim da análise.

Daí faz sentido pensarmos nos dispositivos do cartel e do passe que propõem uma lógica do coletivo que não esteja pautada nas identificações a partir da exceção, mas ao contrário, no não-todo (A Escola "não-toda", como tive oportunidade de desenvolver em outro trabalho). O dispositivo do passe, particularmente, descompleta o grupo, colocando no âmago da Escola a discussão sobre a possibilidade de transmissão da psicanálise a partir da transferência de trabalho e interrogando a relação entre o coletivo, representado pela instituição psicanalítica, e o particular das análises de cada sujeito. Essa aposta refere-se sobretudo à clínica, na medida em que oferece um lugar de endereçamento para que a obscenidade (fora da cena) do fantasma não se torne álibi nem da autonomia cínica ou delirante, nem da cola do grupo, mas também um encaminhamento possível para o impossível que sustenta o ato analítico, que é sempre solitário.

Para terminar, gostaria de convidá-los a refletir sobre a famosa frase de Lacan que se encontra na Ata de fundação, fundamental para o momento institucional que estamos vivendo: "não preciso de uma lista numerosa, porém de trabalhadores decididos, como desde já estou ciente." Afinal, o que faz de alguém — ao contrário do servo — um *trabalhador decidido*?